

ALEXANDER VON HUMBOLDT

(1769 - 1859)

Os geógrafos de qualquer parte do mundo não podem ficar indiferentes à data que neste ano se celebra. Algumas obras de HUMBOLDT serão sempre lidas como as do primeiro e mais importante «clássico» da Geografia moderna, de que importa recordar a segura atitude científica e a concepção ampla, variada e integradora, no estudo dos fenómenos da superfície terrestre. O seu nome de viajante infatigável permanece ligado a acidentes do terreno e povoações da América, a uma montanha da China, um glaciário da Groenlândia, uma corrente marítima; na sua Alemanha natal é a sigla de importantes organismos e publicações científicas. As suas obras, originariamente escritas em latim, alemão e francês e traduzidas em várias línguas, tiveram quase um século de intensa difusão e existem nas principais bibliotecas, revivendo na curiosidade dos leitores que gostam de conhecer «as grandes épocas criadoras» da ciência que cultivam. Aquela que foi, sem contestação, «o mais eminente naturalista do seu tempo» é considerado também como o fundador da Geografia científica e a sua orientação *naturalista* merece ainda ser tomada como exemplo.

Um conjunto de circunstâncias foi em extremo favorável ao completo aproveitamento de longas viagens e observações e à redacção de obras de grandes proporções e sólido travejamento. HUMBOLDT nasceu de uma família nobre e abastada, o que lhe permitiu penetrar sem dificuldade em todos os ambientes sociais da época e viver até ao fim afastado de preocupações materiais, tanto mais que nunca constituiu

família; uma organização excepcionalmente robusta facilitou-lhe tanto empreender longas e fatigantes viagens, antes dos meios mecânicos de deslocação, como estudar e redigir até alta noite, pois quatro horas de sono lhe bastavam para se retemperar; vivendo numa época de intensa actividade política, rica de acontecimentos, fértil de ideias e de experiências, olhou-a com curiosidade distante, sem nunca se misturar às suas perturbações.

O destino favoreceu-o com a juventude ávida de saber, a maturidade variada, a longa e operosa velhice. Depois de estudos de Economia e de Administração, feitos para comprazer a família que o destinava aos empregos públicos elevados, que eram apanágio da gente da sua estirpe, pôde, por sua conta e mais a seu gosto, adquirir uma sólida preparação em Ciências Exactas e Naturais. No fim do século XVIII conviveu em Paris com as grandes figuras científicas do tempo, num ambiente tão rico de ideias e de descobertas decisivas; aí regressou para publicar, em francês, a famosa *Viagem às Regiões Equinociais do Novo Continente: 1799-1804*, em trinta volumes, que contém um penetrante *Ensaio político sobre o reino da Nova Espanha* (México). Ao lado duma imensa e sistemática acumulação de dados em todo o campo das Ciências da Natureza, os usos e costumes dos habitantes, a variedade de raças e de maneiras de viver, a organização da economia, são também consideradas. Ainda há pouco, uma revista geográfica fazia notar a actualidade e penetração da sua análise da vida em Cuba, cujas espectaculares transformações não dispensam o conhecimento da profunda e antiga estrutura que procuraram remover.

Em 1827 fixou-se em Berlim, exercendo cargos palacianos e fazendo beneficiar as Ciências e os que as cultivavam com a sua influência junto da corte. Aos 60 anos, sentia-se ainda suficientemente robusto para empreender uma viagem de nove meses através da Rússia e da Sibéria, até às montanhas da fronteira da China, de que deixou relato, em francês, em dois volumes. Mas foi já aos 74 anos que lançou mãos à sua obra mais célebre e mais audaciosa: *Cosmos. Ensaio de Descrição Física do Universo*, em quatro volumes, escritos em alemão mas imediatamente traduzidos e publicados em Paris: uma visão do mundo tal como era conhecido em 1841.

A morte truncou o vasto empreendimento, mas os primeiros tomos anunciam e desenvolvem a larga concepção de conjunto da obra. Das nebulosas ao interior do Globo, tudo foi considerado; estudam-se o relevo dos continentes, os climas que envolvem a Terra, a vegetação e a sua fisionomia zonal, os oceanos e a circulação que os anima, a vida animal e humana, a variedade das raças, os temperamentos sob o influxo de condições naturais. A sólida educação literária, o convívio com o irmão WILHELM, um dos criadores da Filologia comparada, o pendor poético e a sensibilidade artística fizeram com que pudesse consagrar um volume inteiro aos «Reflexos da Contemplação da Natureza na Literatura e na Arte». CAMÕES aí figura como poeta do mar, das tempestades e meteoros descritos em *Os Lusíadas*, que HUMBOLDT, profundo conhecedor do castelhano, pôde apreciar na língua original.

A Geografia aparece indiferenciada nesta vasta e atraente contemplação do mundo físico e do seu influxo no viver e no pensar dos homens. Uma obrinha da juventude — *Aspectos da Natureza* (1807) — constitui como a sua génese remota: as estepes e desertos, as cataratas do Orenoco, a vida nocturna dos animais nas florestas do Novo Mundo, a fisionomia das plantas, a estrutura e o modo de acção dos vulcões, etc., revelam por toda a parte uma Natureza viva e activa, analisada com rigor mas sentida como uma das mais puras alegrias do espírito, livre e dilatado pela força da inviolada solidão. HUMBOLDT possuía já o dom de «pensar em conjunto», que RATZEL, criador da Antropogeografia, considerará como próprio do geógrafo; pode acrescentar-se, à luz dum conceito recentemente posto em voga, que HUMBOLDT foi também sensível à zonalidade do Globo e à sua expressão nas paisagens: a fisionomia da vegetação. Estudando as plantas nas suas formações e nas relações com o ambiente, inventando as linhas isotérmicas e, com este processo de representação, a Climatologia, calculando, por meio de perfis hipsométricos em parte apoiados nas medidas altimétricas das suas próprias viagens, a altitude média dos continentes, tomando posição na querela entre neptunistas e plutonistas, pondo em relevo todo o papel das forças internas na génese das montanhas, HUMBOLDT fundou vários e importantes ramos da Geografia geral.

Caberia a um seu contemporâneo a sistematização do imenso material acumulado nas suas viagens e reflexões: CARL RITTER. A *Geografia Geral Comparada*, que é fruto de muitos anos de ensino e de erudição, inspira-se largamente das ideias e das obras de HUMBOLDT, de quem o autor se confessa discípulo e tributário. Mas RITTER viajara apenas na Alemanha e na Itália e a sua vasta descrição do mundo é um trabalho gigantesco de compilação crítica e de reflexão sobre mapas e leituras. Será outro grande geógrafo-viajante — F. VON RICHTHOFFEN —, armado de todo o rigor que a Ciência alcançara em meio século de progressos, que continuará a mesma linha de investigações tão brilhantemente ilustrada por HUMBOLDT. Por meio destes e doutros mestres de língua alemã e de língua francesa, a sua influência não mais se extinguirá: lembre-se, quanto a estes, que E. RECLUS esteve em Berlim para seguir o ensino de RITTER e que a leitura das obras dele despertou a vocação geográfica de VIDAL DE LA BLACHE.

ALEXANDER VON HUMBOLDT é, no mundo da Ciência, o derradeiro representante dessa espécie de *homens universais*, aparecida no Renascimento e extinta com os próprios progressos e a diferenciação do conhecimento. A sua curiosidade não tinha limites, alimentada tanto por uma erudição imensa como por dotes de observação que um longo exercício desenvolveu e afinou. No contexto do seu tempo, tão intensamente fecundo em ideias e invenções, as suas obras podem pôr-se em paralelo com outras grandes arquiteturas do pensamento, como as geniais construções de GOETHE e de BEETHOVEN, seus contemporâneos. A Geografia nasce, assim, numa época de prodigiosa actividade criadora em todos os domínios do espírito. Por outro lado, o grande viajante, sensível à variedade da Natureza e dos homens, soube ver para além da sua morada terrestre, incorporando o Cosmos nas suas preocupações. Parece oportuno recordá-lo, dois séculos depois do seu nascimento, no ano em que, pela primeira vez, se praticam noutra planeta os métodos de observação afinados na Terra por geógrafos e naturalistas.